

Mudanças nos destinos das exportações brasileiras de carne bovina¹

Taís Cristina de Menezes²
Carlos José Caetano Bacha³

Resumo – O objetivo deste artigo é analisar as alterações que ocorreram, de 2000 a 2018, no destino das exportações brasileiras de produtos cárneos bovinos, destacando a importância de mercados tradicionais e novos na compra de nossas exportações e do Brasil como fornecedor desses produtos. Usando dados secundários oficiais sobre o comércio internacional e os cálculos de *market-share*, conclui-se que houve grande crescimento de todos os tipos de carnes bovinas exportadas pelo Brasil no período em análise, mas com crescimento da participação dos países asiáticos e africanos. A alta concentração desses países nas vendas realizadas pelo Brasil sugere a proposição de medidas que os envolvam no financiamento da cadeia produtiva da pecuária bovina nacional, de modo que ela não sofra rupturas.

Palavras-chave: Brasil, concentração, *market-share*.

Changes in the destinations of Brazilian beef exports

Abstract – The purpose of this paper is to analyze the changes that occurred, from 2000 to 2018, in the destination of Brazilian beef exports, highlighting the importance of traditional and new markets in the purchase of our exports and of Brazil as a supplier of imports of these products. In importing markets. Using official secondary data on the international trade of these products and market share calculations, it can be concluded that there was a great growth of all types of beef exported by Brazil in the period under analysis, but with a growing share of Asian and African countries in these purchases. The high concentration of these countries in the sales made by Brazil and also of Brazil in the purchases they make suggests the proposition of measures that involve these countries in the financing of our production chain, in order to avoid disruptions in the production chain of domestic cattle raising.

Keywords: Brazil, concentration, market-share.

¹ Original recebido em 9/12/2019 e aprovado em 9/3/2020.

² Doutoranda em Economia Aplicada. Email: taismenezes@usp.br

³ Professor titular do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP). Email: carlosbacha@usp.br

Introdução

A carne bovina é um dos produtos de destaque da pauta de exportações brasileiras. Na década de 2000, a pecuária bovina evoluiu de forma acelerada no Brasil. O País possui o segundo maior rebanho do mundo, com 232,4 milhões de cabeças em 2018 – atrás apenas da Índia, com 305 milhões de animais (Estados Unidos, 2019). O Brasil é também o maior produtor e exportador de carne bovina do mundo.

A crescente importância das exportações desse produto é evidenciada quando se analisa a relação entre a quantidade total exportada e a produção nacional de carne bovina. Enquanto em 2000 nossas exportações de carne bovina representaram 7,52% do total produzido no País, em 2018 essa relação foi de 21,01% (Estados Unidos, 2019).

O Brasil exporta carne bovina para diversos países, mas, a partir do início de 2000 – quando as exportações passaram a crescer mais rapidamente, por causa do cenário internacional favorável – verificou-se tendência de mudança dos principais mercados compradores do produto brasileiro. Em 2000, foram exportadas 488 mil toneladas de carne bovina para 105 países, sendo o Reino Unido e os Estados Unidos os maiores compradores. Em 2018, as exportações brasileiras de carne bovina somaram 2,08 milhões de toneladas, destinadas a 153 países, sendo os principais compradores Hong Kong e China (Brasil, 2019d; Estados Unidos, 2019).

Geralmente, cada país tem preferência por determinado tipo de carne bovina. Os produtos brasileiros exportados podem ser divididos em grandes categorias, que exibem predominância de diferentes grupos de países compradores: carne in natura desossada, carne in natura com osso, miúdos, carne salgada e carne industrializada. Em menor escala, o Brasil exporta também animais vivos para alguns países.

Na década de 2000, os países de destino das exportações brasileiras de carne bovina mudaram; novos mercados surgiram, e os antigos,

em muitos casos, perderam importância como compradores do nosso produto.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a mudança na alocação de vendas externas de produtos cárneos do Brasil, de 2000 a 2018, evidenciando a importância de novos compradores e de mercados tradicionais. Em 2000 tem início um período de grande crescimento das exportações de carnes bovinas do Brasil; 2018 era o último ano com dados disponíveis quando o trabalho foi concluído.

Revisão de literatura

A literatura mais vinculada ao objetivo geral desta pesquisa pode ser dividida em trabalhos que analisam o crescimento das exportações brasileiras de carne bovina e seus destinos (Silva et al., 2008; Almeida & Michels, 2012; Florindo et al., 2015) e nos que tratam dos estraves que o País enfrenta no mercado externo desse produto (Gonçalves & Luz Neto, 2010; Procópio et al., 2011).

Silva et al. (2008) analisam a evolução das exportações brasileiras de carne bovina, de 1994 a 2005, e destacam o forte crescimento no período, tanto em valor quanto em volume. Os autores atribuem o crescimento às mudanças da bovinocultura brasileira e à adoção do programa de erradicação da febre aftosa pelo Brasil em 1992. Além disso, a partir do início da década de 2000, o País conquistou novos mercados, especialmente na Ásia e no Oriente Médio, principalmente por conta dos preços internacionais mais baixos do que os dos concorrentes.

Ainda em relação ao início da década de 2000, Silva et al. (2008) afirmam que o forte crescimento das exportações deveu-se ao aumento da competitividade da carne brasileira no mercado internacional, além da maior produtividade e do melhor controle sanitário. Em 1994, o Brasil era o sétimo maior exportador mundial de carne bovina em valor monetário e o quinto maior exportador em volume; obteve a liderança

como exportador em volume em 2004 e em valor monetário em 2005 (Silva et al., 2008).

Almeida & Michels (2012) também destacam a evolução das exportações brasileiras de carne bovina em volume no início da década de 2000, o que levou o País à condição de maior vendedor mundial desse produto. Os autores apontam que até o fim da década de 1990 aproximadamente 95% da produção nacional de carne bovina era negociada apenas no mercado interno, o que evidencia a importância do aumento do volume exportado na década seguinte. Os autores argumentam que o desempenho brasileiro evoluiu rapidamente sobretudo pelo atendimento das exigências externas, o que permitiu, por sua vez, atingir novos mercados.

Florindo et al. (2015) analisaram os fatores que influenciaram as exportações de carne bovina do Brasil em três períodos. De 2002 a 2005, os autores identificaram aumento das exportações para a Europa, principalmente por causa da ocorrência de encefalopatia espongiforme bovina nos Estados Unidos, que culminou na queda das exportações daquele país. No mesmo período, o Brasil se beneficiou do crescimento das importações mundiais de carne bovina como um todo. Rosa et al. (2006) destacam que, no início da década de 2000, a União Europeia começava a perder participação nas vendas brasileiras, e existia uma tendência de ampliação de outros mercados pelo Brasil, como Rússia e Argélia.

De 2006 a 2009, as exportações mundiais de carne bovina caíram em decorrência de problemas fitossanitários internos e da crise financeira internacional de 2008. As exportações de carne bovina brasileira sofreram significativas restrições por conta do surto de febre aftosa no Mato Grosso do Sul em 2005 e 2006. Dessa forma, o Brasil buscou mercados alternativos, como a Venezuela e os países mediterrâneos, que eram, até então, menos exigentes quanto a questões sanitárias do que o mercado europeu central e do norte. O redirecionamento para novos mercados explica o crescimento de 125% no número de países de destino das exportações

brasileiras de carne bovina. Ao mesmo tempo, a União Europeia promoveu forte bloqueio às compras do produto brasileiro (Florindo et al., 2015).

De 2010 a 2013, as exportações mundiais de carne bovina retomaram seu crescimento. Nesse período, Florindo et al. (2015) consideram que o Brasil aproveitou seu baixo custo de produção para ampliar as exportações para novos mercados, como Venezuela, Angola, Arábia Saudita e Chile. Os autores concluem que o crescimento das exportações foi proporcionado pela conquista de novos mercados e pela manutenção dos mercados tradicionais (Florindo et al., 2015).

Florindo et al. (2015) observam que o crescimento populacional e o desenvolvimento econômico, principalmente, dos países asiáticos geraram maior consumo de alimentos, que, conseqüentemente, impulsionou o mercado internacional de carne bovina nos últimos anos, tornando o Brasil o maior exportador do produto.

Entretanto, apesar do volume crescente de exportação, o setor pecuário tem demonstrado certa fragilidade diante das exigências impostas pelos grandes mercados importadores. Além disso, o Brasil enfrenta barreiras às exportações: a carne brasileira tem um custo de produção menor que a de seus concorrentes, mas enfrenta barreiras tarifárias, além das sanitárias, que podem mais do que dobrar o valor do produto ao chegar no país comprador (Gonçalves & Luz Neto, 2010).

Procópio et al. (2011) destacam que no Brasil ainda há significativos entraves a serem superados para melhorar a competitividade da cadeia de carne bovina: i) superação de barreiras tarifárias; ii) desenvolvimento de um padrão de qualidade que seja reconhecido pelo mercado importador; iii) constituição de uma cadeia mais organizada; iv) superação de limitantes de exportação, como quotas, tarifas e concorrência subsidiada; v) venda de produtos de maior valor agregado no mercado internacional. Os autores afirmam que, apesar de ser o maior exportador

mundial de carne bovina, o Brasil precisa de investimentos que promovam a melhora da coordenação e organização entre os elos da cadeia da pecuária e, assim, tornar o produto brasileiro mais competitivo no cenário internacional.

Ferreira & Vieira Filho (2019) defendem – para o que o País não perca competitividade no âmbito internacional – que as estratégias do setor pecuário bovino no Brasil devem estar voltadas para a abertura de novos mercados e para a expansão dos mercados já alcançados.

Apesar de apresentarem importantes análises sobre as mudanças nos destinos das exportações brasileiras de carne, os trabalhos acima mencionados não fazem uma análise detalhada dessas exportações, separando os tipos de carnes exportados e os respectivos destinos. Uma análise que considere esses produtos desagregados é importante, pois as preferências dos países importadores variam significativamente conforme o tipo de produto oferecido no mercado internacional.

Assim, a contribuição deste trabalho é fazer uma análise detalhada das exportações brasileiras por tipos de produtos cárneos de origem bovina, destacando as preferências dos países importadores.

Metodologia e dados

A metodologia consiste na interpretação analítica de dados secundários organizados na forma de tabelas e gráficos e fundamentação de tal interpretação em artigos científicos, relatórios técnicos e notícias oficiais. Calculam-se também os *market-shares* dos países importadores de carnes bovinas e a participação do Brasil nas importações desse produto. Procura-se, com isso, verificar se os *market-shares* exibem comportamentos similares.

Fez-se uma análise semelhante à observada em Carvalho (2007), que descreve as possibilidades de comércio entre o Mercosul e a União Europeia em caso de aprovação do acordo bilateral entre os dois blocos.

Inicialmente, usam-se dados do volume e da receita das exportações brasileiras de bovinos vivos e de produtos cárneos de origem bovina, com base em dados do ComexStat/MDIC (Brasil, 2019d). Foram avaliadas as exportações agregadas e desagregadas, considerando os seguintes códigos da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM):

- 01.02.2990 – Outros bovinos vivos
- 01.02.9000 – Outros animais vivos da espécie bovina
- 01.02.9090 – Outros bovinos vivos
- 02.01.1000 – Carcaças e meias-carcaças de bovino, frescas ou refrigeradas
- 02.01.2010 – Quartos dianteiros não desossados de bovino, frescos ou refrigerados
- 02.01.2020 – Quartos traseiros não desossados de bovino, frescos ou refrigerados
- 02.01.2090 – Outras peças não desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas
- 02.01.3000 – Carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas
- 02.02.1000 – Carcaças e meias-carcaças de bovino, congeladas
- 02.02.2010 – Quartos dianteiros não desossados de bovino, congelados
- 02.02.2020 – Quartos traseiros não desossados de bovino, congelados
- 02.02.2090 – Outras peças não desossadas de bovino, congeladas
- 02.02.3000 – Carnes desossadas de bovino, congeladas
- 02.06.1000 – Miudezas comestíveis de bovino, frescas ou refrigeradas
- 02.06.2100 – Línguas de bovino, congeladas
- 02.06.2200 – Fígados de bovino, congelados

- 02.06.2910 – Rabos de bovino, congelados
- 02.06.2990 – Outras miudezas comestíveis de bovino, congeladas
- 02.10.2000 – Carnes de bovinos, salgadas/em salmoura/secas/defumadas
- 05.04.0011 – Tripas de bovinos, frescas, refrigeradas, congeladas, salgadas ou em salmoura, secas ou defumadas
- 16.02.5000 – Preparações alimentícias e conservas, da espécie bovina

Num segundo momento, foi avaliada a participação do Brasil nas importações de seus principais mercados compradores. Para isso, foram utilizados dados do Comtrade/UM (United Nations Comtrade, 2019). Como a plataforma internacional fornece dados desagregados apenas até seis dígitos no sistema harmonizado (SH), considerou-se os SHs com seis dígitos, correspondentes aos NCMs de oito dígitos anteriormente citados⁴.

Com base nesses dados, os principais mercados compradores de cada produto foram analisados ao longo do período 2000–2018, destacando blocos de países, como Ásia, Oriente Médio, União Europeia e África.

Resultados e discussão

Nos primeiros anos do século 21, inicia-se uma tendência de crescimento da participação das exportações de carne bovina no total produzido no Brasil. Tal participação atingiu seu auge em 2007, respondendo por 23,6% da produção nacional. Depois da queda de 2008 a 2011, a importância dessas exportações voltou a crescer, chegando a 21,01% da produção brasileira de carne bovina em 2018 (Tabela 1).

A significativa queda de 2008 a 2011 pode ser explicada por muitos fatores. A crise financeira mundial e as barreiras sanitárias relacionadas à carne bovina do Brasil derrubaram as exportações. Além disso, em 2007 a União Europeia embargou a importação de carne brasileira, por causa de falhas no sistema de rastreabilidade de animais, reduzindo o número de propriedades aptas a fornecer carne bovina para o mercado europeu. O embargo provocou queda de 53,1% do volume de carne bovina exportada do Brasil para a União Europeia em 2008. De 2007 a 2010, observou-se também aumento do consumo doméstico de carne bovina, o que impactou diretamente o volume exportado (Brasil, 2012).

De 2007 e 2011, o câmbio valorizado e o aumento do preço da arroba do boi interferiram no preço de venda externa do produto brasileiro, fazendo com que ele ficasse menos competitivo no mercado internacional (Gonçalves & Luz Neto, 2010). Além disso, os Estados Unidos aumentaram sua produção, por causa do crescimento no abate de fêmeas, e, conseqüentemente, elevaram suas exportações – fortalecendo, assim, sua posição de exportador (Lima, 2018).

As exportações brasileiras de carnes bovinas podem ser separadas em seis categorias: carne in natura desossada, carne in natura com osso, carne industrializada, miúdos, salgados e tripas. A carne in natura desossada é a que responde pela maior parte do volume exportado pelo Brasil – 81,3% do total exportado em 2018.

Em 2018, o volume de exportações brasileiras de carnes bovinas foi recorde. Apesar disso, a maior receita com exportações corresponde a 2014, quando o total exportado foi de US\$ 7,58 bilhões (Figura 1⁵). Em 2000, o Brasil exportou carnes bovinas para 106 países; em 2018, para 153.

A significativa queda do volume exportado depois de 2007 deveu-se em grande parte

⁴ 01.02.29; 01.02.90; 02.01.10; 02.01.20; 02.01.30; 02.02.10; 02.02.20; 02.01.30; 02.06.10; 02.06.21; 02.06.22; 02.06.29; 02.10.20; 16.02.50.

⁵ Os dados do USDA da Tabela 1 estão estimados em toneladas equivalente carcaça; os dados do ComexStat/MDIC da Figura 1, em toneladas.

Tabela 1. Participação das exportações de carne bovina na produção nacional em 2000–2018.

Ano	Produção (t milhão equivalente carcaça)	Exportação (t milhão equivalente carcaça)	Participação das exportações no total produzido (%)
2000	6,52	0,49	7,52
2001	6,90	0,74	10,72
2002	7,24	0,87	12,02
2003	7,39	1,16	15,70
2004	7,98	1,61	20,18
2005	8,59	1,85	21,54
2006	9,03	2,08	23,03
2007	9,30	2,19	23,55
2008	9,02	1,80	19,96
2009	8,94	1,60	17,90
2010	9,12	1,56	17,11
2011	9,03	1,34	14,84
2012	9,31	1,52	16,33
2013	9,68	1,85	19,11
2014	9,72	1,91	19,65
2015	9,43	1,70	18,03
2016	9,28	1,70	18,32
2017	9,55	1,86	19,48
2018	9,90	2,08	21,01

Fonte: elaborado com dados de Estados Unidos (2019).

à redução das exportações de carne in natura desossada, com redução de 20,7% em 2008, relativamente a 2007. Em 2009, a queda do volume exportado dessa categoria continuou (8,8% em relação a 2008). Entretanto, o volume exportado de carne in natura com osso, miúdos e carne industrializada também caiu em 2009. A tendência de queda do volume exportado de carne in natura desossada e de carne industrializada permaneceu até 2011. Apenas em 2012, as exportações desses dois produtos voltaram a exibir variação positiva.

A redução das exportações de carne bovina in natura desossada pode ser explicada fortemente pelo embargo da União Europeia e pelas barreiras sanitárias, por causa do surto de febre aftosa no Mato Grosso do Sul em 2006. Nesse cenário, importantes mercados importadores suspenderam grande parte de suas compras de

origem brasileira. Em 2008, a Itália importou volume 84% menor de carne in natura desossada do que em 2007; o Chile praticamente cessou suas compras (-97,6%); o Reino Unido, -73,6%; a Espanha, -77,5%; e a Holanda, -57,2%.

A Figura 2 mostra a participação de blocos de países nas aquisições das exportações de carnes bovinas do Brasil.

Em 2018, os maiores importadores de carnes de origem bovina do Brasil foram China e Hong Kong, seguidos de Egito, Chile e Irã. As participações dos dois primeiros países somadas representaram 44,7% do valor das exportações brasileiras. Já Egito e Irã responderam juntos por 12,9% dessa receita (Tabela 2).

Hong Kong importa carne brasileira há mais de duas décadas, ao passo que a China se tornou grande importador desse produto só re-

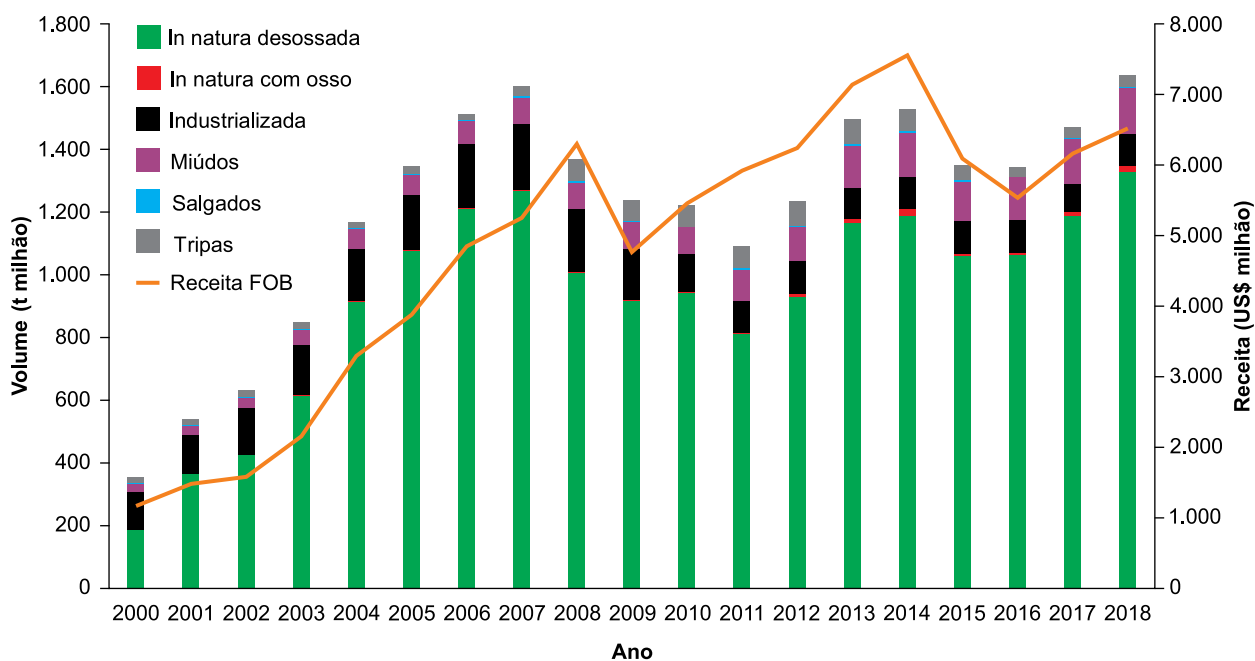


Figura 1. Exportações de carnes bovinas, em volume e receita⁽¹⁾, em 2000–2018.

⁽¹⁾ Receita em US\$ deflacionada pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC) dos Estados Unidos.

Fonte: elaborado com dados do ComexStat/MDIC (Brasil, 2019d).

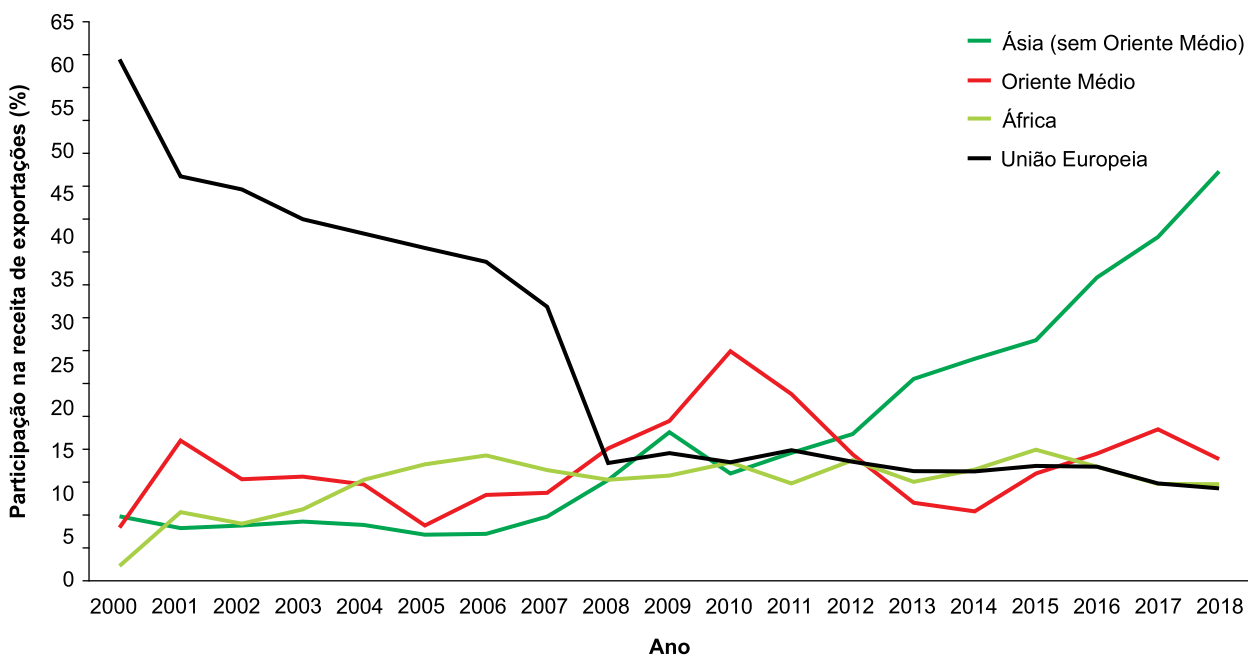


Figura 2. Participação de blocos de países selecionados nas receitas de exportação de carnes bovinas do Brasil em 2000–2018.

Fonte: elaborado com dados do ComexStat/MDIC (Brasil, 2019d).

Tabela 2. Participação dos 20 principais compradores de carnes bovinas na receita de exportação brasileira e participação do Brasil nas importações de carnes bovinas de cada país.

Bloco	País	Participação nas exportações brasileiras (%)			Participação do Brasil nas importações (%)		
		2000	2010	2018	2000	2010	2018
Ásia	China	0,1	0,1	22,7	0,2	30,7	31,0
Ásia	Hong Kong	5,3	10,5	22,0	24,5	48,7	46,1
África	Egito	0,7	9,0	8,0	1,5	44,7	67,0
América do Sul	Chile	6,6	2,2	7,1	29,9	14,8	43,7
Oriente Médio	Irã	0,3	16,8	4,9	-	-	-
América do Norte	Estados Unidos	10,0	1,6	4,0	3,7	2,9	4,7
União Europeia	Itália	9,1	3,9	3,2	4,7	6,2	8,6
União Europeia	Países Baixos (Holanda)	13,1	2,7	2,5	17,4	6,8	5,1
Oriente Médio	Arábia Saudita	0,7	2,7	2,4	5,2	36,3	36,6
Oriente Médio	Emirados Árabes Unidos	0,0	1,0	2,3	-	-	17,4 ⁽¹⁾
União Europeia	Reino Unido	17,3	3,5	1,9	25,3	12,0	8,0 ⁽²⁾
Ásia	Filipinas	0,4	0,7	1,3	0,9	9,8	14,1
Oriente Médio	Israel	2,9	2,3	1,3	17,9	22,8	11,9
Oriente Médio	Líbano	1,6	2,1	1,2	-	-	-
União Europeia	Alemanha	6,7	1,3	1,1	7,9	4,8	3,7
Ásia	Cingapura	1,3	0,4	1,1	21,7	11,9	30,0
Oriente Médio	Jordânia	0,2	0,8	1,0	5,1	27,6	50,5
África	Argélia	0,0	2,2	0,9	0,0	59,5	30,1 ⁽¹⁾
União Europeia	Espanha	7,3	0,6	0,9	16,3	3,4	6,2
América do Sul	Uruguai	0,1	0,0	0,7	26,1	90,5	76,7

⁽¹⁾Dados referentes a 2017 (último disponível para a Argélia, único disponível para os Emirados Árabes Unidos).

⁽²⁾Dados referentes a 2016 (último disponível para o Reino Unido).

Fonte: elaborado com dados do ComexStat/MDIC (Brasil, 2019d) e Comtrade/UN (United Nations Comtrade, 2019).

centemente. Apesar disso, acredita-se que grande parte das importações de carne de Hong Kong é destinada à China, existindo assim uma espécie de triangulação (Ferreira & Vieira Filho, 2019).

Em geral, observa-se que, ao mesmo tempo em que os mercados asiáticos, árabes e africanos passaram a responder por maior parcela das exportações brasileiras, o Brasil também conquistou maior participação nas importações de carnes bovinas desses países. A evolução no caso da China, de 0,2% em 2000 para 31% em 2018, pode ter sido consequência do movimento de abertura da economia chinesa iniciado na década de 2000 e do forte crescimento do seu Produto

Interno Bruto (PIB) desde então. De forma semelhante, a participação do Brasil nas importações do Egito passou de 1,5% em 2000 para 67% em 2018. Ao mesmo tempo, observa-se redução da participação dos produtos de origem brasileira nas importações de países da União Europeia – Holanda, Reino Unido, Alemanha e Espanha. Em 2000, as exportações brasileiras de carnes bovinas para os 28 países da União Europeia representaram 8,8% do total importado por eles, mas caíram para 4,7% em 2018.

O ano de 2019 foi marcado por notícias positivas para o setor exportador de carne bovina do Brasil. No fim de agosto, o Ministério

da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) anunciou a abertura do mercado indonésio para as carnes brasileiras. Dez plantas frigoríficas no Brasil foram habilitadas para a exportação de pelo menos 25 mil toneladas de carne bovina para a Indonésia (Abiec, 2019b).

Em setembro de 2019, a China habilitou mais 25 frigoríficos brasileiros, subindo de 64 para 89 o total de plantas habilitadas. Desses 25 estabelecimentos, 17 são produtores de carne bovina (Abiec, 2019a). A Arábia Saudita habilitou oito novos frigoríficos brasileiros para exportação de carne bovina em novembro de 2019 (Brasil, 2019b), o que poderá gerar maior crescimento das exportações para mercados asiáticos nos próximos anos.

Destino das exportações brasileiras de carne bovina in natura fresca ou refrigerada

Em geral, as carnes in natura sofrem maior restrição nas negociações nos mercados internacionais, pois, não sendo processadas, oferecem mais riscos de disseminação de doenças. A carne in natura com osso é considerada de maior risco, pois o osso também pode carregar grandes quantidades de vírus. Além disso, a carne com osso tende a ser mais barata, pois o osso muitas vezes é descartado ou processado para outros usos que não o consumo humano.

Carne bovina in natura desossada fresca ou refrigerada

De 2000 a 2007, as exportações brasileiras de carne in natura desossada fresca tinham como principais destinos o Chile e a União Europeia – Holanda, Alemanha, Itália e Reino Unido. Entretanto, de 2008 a 2010 as exportações se concentraram nos mercados do Oriente Médio, como Líbano (principalmente), Jordânia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. A partir de 2011, a América Latina voltou a ser o mercado mais representativo – com destaque para o Chile, que em 2018 importou 49% do volume exportado pelo Brasil. No mesmo período, em

menor escala, os países árabes permaneceram importando.

Carne bovina in natura com osso fresca ou refrigerada

De 2000 a 2007, Angola importou praticamente a totalidade das exportações brasileiras. Já de 2008 a 2016, as vendas para países da Ásia (Hong Kong e Vietnã) e do Oriente Médio (Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Palestina) passaram a representar grande parte dessas exportações, ao mesmo tempo em que países da África deixaram de comprar o produto. Entretanto, em 2017–2018 as exportações destinaram-se quase que totalmente para o Paraguai.

Destino das exportações brasileiras de carne bovina in natura congelada

Carne bovina in natura desossada congelada

Em 2000–2007, os principais mercados compradores foram Egito e Rússia. De 2008 a 2012, Rússia e Egito permaneceram sendo os principais destinos, mas Hong Kong e Irã passaram a ter participações mais significativas. Por fim, de 2013 a 2018, as exportações concentraram-se no mercado asiático (China e Hong Kong), que representou mais da metade do volume exportado em 2016–2018. Nesse período, as compras da Rússia exibiram forte redução, até que em 2018 esse país não importou carne bovina in natura desossada e congelada do Brasil.

Carne bovina in natura com osso congelada

De 2000 a 2007, essa categoria não possuía mercado predominante – países de muitos continentes tinham participações expressivas nas compras do Brasil. Mas, em 2008–2015, Angola e Hong Kong foram os países que mais importaram, nessa ordem. De 2016 a 2018, as compras dos países asiáticos – exceto Oriente Médio – assumiram a liderança, respondendo por mais da metade das exportações brasileiras.

Ainda assim, Angola permaneceu importando expressivos volumes, e países do Oriente Médio, como Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita, e Vietnã aumentaram suas compras.

Destino das exportações brasileiras de miúdos bovinos frescos, refrigerados ou congelados

Durante todo o período de 2000 a 2018, Hong Kong foi o maior comprador de miúdos bovinos do Brasil, concentrando mais da metade das exportações. Na sequência, Costa do Marfim e o Egito foram os que mais compraram.

Destino das exportações brasileiras de tripas bovinas frescas, refrigeradas, congeladas, salgadas ou em salmoura, secas ou defumadas

Em 2000–2018, em geral, a Europa foi o principal comprador – as compras da Alemanha, Itália, Espanha e Suíça foram as mais representativas. Entretanto, a partir de 2007, Hong Kong passou a ser o principal comprador em alguns anos específicos no período. Ucrânia e Rússia também passaram a importar mais a partir de 2006.

Destino das exportações brasileiras de carnes bovinas salgadas

As exportações dessa categoria são as menos representativas entre os produtos selecionados neste trabalho e destinaram-se quase que totalmente para Angola em 2000–2018. Em 2015, 2016 e 2018, Israel também importou parte significativa desse produto. Angola permaneceu como mercado predominante.

Destino das exportações brasileiras de carne bovina industrializada

As exportações brasileiras de carne bovina industrializada perderam importância. De 2000 a 2018, dois compradores se destacaram: Estados

Unidos e Reino Unido. Juntos, eles adquiriram mais da metade das exportações. Os outros compradores são significativamente pulverizados.

Destino das exportações brasileiras de bovinos vivos

Até 2002, o Brasil exportava bovinos vivos apenas para reprodução e cria, sem volume expressivo de vendas. Entretanto, de 2003 a 2010 houve forte crescimento das exportações (Figura 3). Em 2003, o País exportou cerca de 970 toneladas de bovinos vivos (US\$ 1,32 milhão em valores de 2018), não destinados para reprodução nem para cria. Em 2010, os valores foram de 320 mil toneladas e US\$ 367 milhões (em valores de 2018), respectivamente. As exportações dessa categoria variaram fortemente em 2003–2018, com tendência de queda. Em 2018, foram exportadas 229 mil toneladas de bovinos vivos – US\$ 229 milhões.

É possível que a volatilidade das exportações brasileiras de bovinos vivos, de 2011 a 2018, seja por conta das restrições impostas sobre os bovinos a serem exportados, como idade, raça e peso, além de restrições relacionadas ao bem-estar animal. Um exemplo disso são os mercados muçulmanos, que não aceitam animais da raça Nelore, apenas da raça zebu.

De 2003 a 2006, o Líbano importou quase a totalidade de bovinos vivos exportados pelo Brasil. Entretanto, em 2007–2015, a Venezuela passou a ser o maior importador, respondendo, em média, por 78% das exportações brasileiras anuais no período. Essa grande dependência explica a forte queda das exportações brasileiras em 2015, ano em que a severa crise econômica da Venezuela teve início.

A partir de 2016, outros países passaram a se destacar como destino das exportações, como Turquia, Iraque e Egito, além de o Líbano ter retomado as compras. Desde então, a Turquia tem sido nosso principal comprador, quase 71% das exportações desse produto em 2018.

Em janeiro de 2019, o Brasil conquistou um novo importador: a Malásia abriu seu mercado

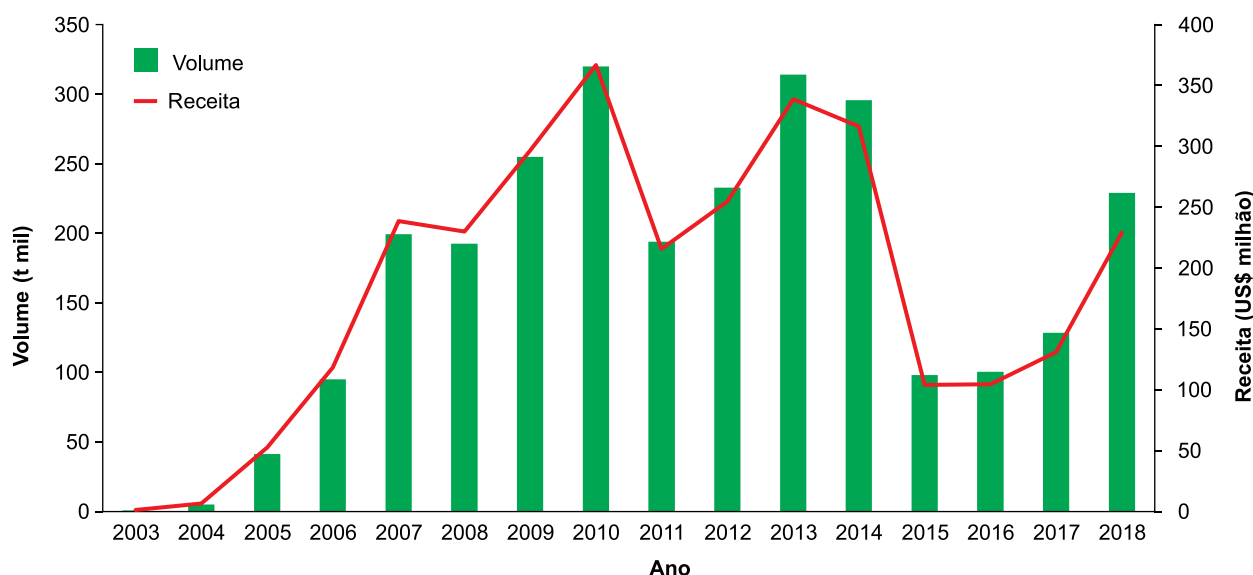


Figura 3. Exportações brasileiras de bovinos vivos, em volume e receita⁽¹⁾, em 2003–2018.

⁽¹⁾ Receita deflacionada pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC) dos Estados Unidos.

Fonte: elaborado com dados do ComexStat/MDIC (Brasil, 2019d).

para as exportações brasileiras de bovinos vivos para abate. Isso reforçou a posição do Brasil como um dos líderes exportadores de proteína animal e representou uma conquista importante diante das relações comerciais Brasil-Malásia, pois aquele país tem população crescente e importa cerca de 80% da carne consumida domesticamente. As negociações quanto à expansão das importações malasianas de carne bovina de origem brasileira ainda estão acontecendo, mas exibem grande potencial (Brasil, 2019a).

Ainda em 2019, em março, o Cazaquistão abriu seu mercado para as importações de bovinos vivos do Brasil (Brasil, 2019c).

Entretanto, com a crescente preocupação de instituições em relação a questões ligadas ao bem-estar animal, os exportadores de animais vivos terão que lidar com diversas barreiras, nos próximos anos, para que os animais cheguem a mercados distantes do Brasil.

Considerações finais

Em 2000–2018, muitas mudanças ocorreram nos destinos das exportações brasileiras

de carnes de origem bovina. Países asiáticos aumentaram sua participação na pauta dessas compras, concentrando grande parte do volume de produtos carnes bovinos vendidos pelo Brasil no mercado internacional.

Ao mesmo tempo que os miúdos de origem bovina passaram a representar parcela maior das exportações brasileiras totais de carnes bovinos, a carne industrializada – maior valor agregado – perdeu participação.

A alta concentração das exportações brasileiras de carnes bovinos para países específicos, como acontece no caso da carne in natura desossada (China e Hong Kong) e da carne industrializada (Estados Unidos e Reino Unido), deve ser observada com cautela, pois qualquer fator de “estresse” sobre esses mercados poderia causar queda abrupta das exportações. Nesse contexto, é necessário que o Brasil busque constantemente alcançar novos mercados compradores e pulverizar os destinos das exportações.

Ainda que o desempenho das exportações de carnes bovinos do Brasil tenha sido favorável no período analisado, existem gargalos, como a necessidade de melhoria da inspeção e fiscali-

zação sanitária. O aumento da produção deve ser acompanhado de monitoramento doméstico efetivo sobre questões sanitárias.

O Brasil precisa ser capaz de assegurar a qualidade e a sanidade de seus produtos, para que consiga construir uma imagem positiva no mercado internacional, que transmita segurança aos mercados importadores. Somente com isso será possível conquistar novos mercados e consolidar os mercados já alcançados, de maneira a manter seu status de maior exportador de carne bovina do mundo.

Referências

- ABIEC. Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes. **China habilita mais 25 frigoríficos do Brasil para exportação**. 9 de setembro de 2019. Disponível em: <<http://www.abiec.com.br/NoticiasTexto.aspx?id=1628>>. Acesso em: 29 set. 2019a.
- ABIEC. Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes. **Indonésia anuncia abertura de mercado para importação de carnes brasileiras**. 29 de agosto de 2019. Disponível em: <<http://abiec.com.br/NoticiasTexto.aspx?id=1627>>. Acesso em: 29 set. 2019b.
- ALMEIDA, A.K. de; MICHELS, I.L. O Brasil e a economia-mundo: o caso da carne bovina. **Ensaio FEE**, v.33, p.207-230, 2012.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Abertura de mercado para exportações brasileiras de bovinos vivos para a Malásia**. Brasília, 2019a. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/noticias/abertura-de-mercado-para-exportacoes-brasileiras-de-bovinos-vivos-para-a-malasia>>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Arábia Saudita habilita oito novos frigoríficos brasileiros para exportação de carne bovina**. Brasília, 2019b. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/noticias/arabia-saudita-habilita-oito-novos-frigorificos-brasileiros-para-exportacao-de-carne-bovina>>. Acesso em: 25 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Brasil exportará gado vivo para o Cazaquistão**. Brasília, 2019c. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/noticias/brasil-exportara-gado-vivo-para-o-cazaquistao>>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Comércio exterior da agropecuária brasileira: principais produtos e mercados**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/relacoes-internacionais/arquivos-das-publicacoes/book_comercio_exterior_portugues_web-v1-ilovepdf-compressed.pdf/view>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **ComexStat**. 2019d. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>>. Acesso em: 29 set. 2019.
- CARVALHO, F.M.A. de. Relaciones Económicas Unión Europea, Mercosur y Brasil. In: ENCONTRO CEPAN, 5., 2007, Porto Alegre. **Competitividade do agronegócio brasileiro no contexto internacional: abordagens quantitativas: [anais]**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
- ESTADOS UNIDOS. Department of Agriculture. **Livestock and Poultry: world markets and trade**. 2019. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/livestock_poultry.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.
- FERREIRA, M.D.P.; VIEIRA FILHO, J.E.R. **Inserção no mercado internacional e a produção de carnes no Brasil**. Rio de Janeiro: Ipea, 2019. (Ipea. Texto para discussão, 2479).
- FLORINDO, T.J.; MEDEIROS, G.I.B. de; COSTA, J.S. da; RUVIARO, C.F. Competitividade dos principais países exportadores de carne bovina no período de 2002 a 2013. **Revista de Economia e Agronegócio**, v.12, p.71-90, 2015.
- GONÇALVES, J.R.; LUZ NETO, N.K. da. Desafios para as exportações brasileiras de carne bovina. **Informações Econômicas**, v.40, p.17-23, 2010.
- LIMA, R.P. de. **Crescimento das exportações de carne bovina brasileira entre 2005 e 2015: fatores econômicos**. 2018. 82p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- PROCÓPIO, D.P.; CORONEL, D.A.; LÍRIO, V.S. Competitividade do mercado internacional de carne bovina: uma análise dos mercados brasileiro e australiano. **Revista de Política Agrícola**, ano20, p.40-51, 2011.
- ROSA, F.R.T.; ALENCAR, L.; TORRES JR., A.M. Mudanças na exportação de carnes. **Revista de Agronegócios da FGV**, v.26, p.15-17, 2006.
- SILVA, L.G. da; MARION FILHO, P.J.; CAMPOS, I. A dinâmica das exportações brasileiras de carne bovina (1994-2005). **Revista de Estudos Sociais**, v.10, p.23-49, 2008.
- UNITED NATIONS COMTRADE. **International Trade Statistics Database**. Disponível em: <<https://comtrade.un.org/>>. Acesso em: 9 nov. 2019.